

# UM ESTUDO COMPARATIVO DO ESTATUTO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS VERNACULAR BRASILEIRO E NO INGLÊS

## A COMPARATIVE STUDY OF THE STATUS OF SUBJECT IN BRAZILIAN VERNACULAR PORTUGUESE AND ENGLISH

André Monteiro Diniz<sup>1</sup>  
Jessiléia Guimarães Eiró<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo visa à descrição da realização do Princípio da Projeção Estendida do Sujeito, presente em todas as línguas, no português vernacular brasileiro (PVB). A partir da verificação da hipótese de mudança paramétrica em curso do PVB, de língua de sujeito nulo pleno para língua de sujeito nulo parcial, foi realizada uma comparação com a ocorrência do mesmo fenômeno no inglês no passado, de modo a aproximar as duas línguas e vislumbrar a possibilidade de, com base nessa similitude, levantar informações que auxiliem o processo de aprendizagem de PVB por falantes anglófonos. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a Teoria Gerativa e os princípios e parâmetros da Gramática Universal (GU) aplicáveis aos casos em questão nas duas línguas (mais especificamente, no caso do PVB, o registro de dialeto do município de São Miguel do Guamá), para, com base nas reflexões e nas descrições desses casos, proceder à comparação entre elas. Por fim, chegou-se à conclusão de que o PB vem passando por uma mudança paramétrica relativa ao sujeito nulo, já sendo considerado uma língua de sujeito nulo parcial, processo já passado pelo inglês há alguns séculos. Os exemplos apresentados do dialeto estudado corroboram essa afirmação, mas a realização de mais pesquisas se faz necessária para a averiguação das motivações dos falantes para essa mudança.

**Palavras-chave:** Princípio da Projeção do Sujeito. Sujeito Nulo Parcial. Teoria Gerativa.

**Abstract:** This article aims at describing the realization of the Extended Projection Principle in Brazilian vernacular Portuguese (PVB). The verification of the hypothesis of an ongoing parametric change from full null-subject language to partial null subject language led to a comparison with the occurrence of the same phenomenon in Old English. Then, the similarity between both languages was describe in order to envisage the possibility of gathering data that could help the learning and teaching process of PVB by English-speaking students. We performed a bibliographical research on the Generative Theory and the principles and parameters of the Universal Grammar (UG) applicable to these languages (more specifically, in the case of PVB, a dialect spoken in the city of São Miguel do Guamá, Brazil), and made a comparison between them. Finally, we concluded that PB has been going through a parametric change regarding the null-subject (it is already being considered a partial null-subject language), a process through which the English language went some centuries ago. The examples extracted from the studied dialect corroborate this assertion, but further research is necessary to survey the motivations that are leading the speakers to this change.

**Keywords:** Projection Principle. Partial Null-Subject. Generative Theory.

## INTRODUÇÃO

No escopo da Teoria Gerativa, temos a Gramática Universal (GU), a qual consiste num conjunto de princípios linguísticos compartilhados por todos os seres humanos e que, ainda segundo essa teoria,

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando em Linguística Aplicada e ensino e aprendizagem de PFOL pela FFLCH/USP. Professor Assistente da Universidade do Estado do Pará. E-mail: [andremdiniz@gmail.com](mailto:andremdiniz@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre e Doutoranda em Linguística Aplicada e ensino e aprendizagem de PFOL pela FFLCH/USP. Professora Assistente da Universidade do Estado do Pará. E-mail: [jjeiro@gmail.com](mailto:jjeiro@gmail.com)

lhês são inatos e dos quais, portanto, o falante não tem consciência (CHOMSKY, 1981). Tais princípios são invariáveis, abstratos, rígidos e presentes em todas as línguas do mundo, mas se concretizam de maneira particular de acordo com os parâmetros válidos para a gramática de cada língua. A realização desses parâmetros se dá de maneira distinta, sendo marcada negativa ou positivamente, e é exatamente isso que torna as línguas tão particulares.

Dentre esses princípios, buscamos, neste artigo, discorrer sobre o Princípio da Projeção do Sujeito presente em todas as línguas. Mais especificamente, nos interessa discorrer sobre a realização desse princípio, ao investigarmos o parâmetro de sujeito nulo e sua realização no português vernacular brasileiro (PVB), apontando o que vem acontecendo numa perspectiva diacrônica, a fim de atestarmos o seu atual estado da arte e procedermos a uma comparação com a realização desse parâmetro no inglês. Nosso objetivo é o de apontar a possibilidade de aproximação no que diz respeito ao uso da categoria de sujeito, no sentido de que o PVB se aproxima do inglês. E, a partir disso, buscamos estratégias de ensino que nos permitam apontar caminhos para um processo de aprendizagem mais eficiente por parte de falantes anglófonos, aprendentes do PVB.

Para tal, nos ancoramos nas pesquisas de autores<sup>3</sup> que têm envidado esforços no sentido de descrever as mudanças linguísticas implementadas pelos falantes no decurso da história e numa perspectiva sociolinguística.

Este artigo está organizado nas seguintes seções: Introdução; Revisão da literatura; Metodologia; Sujeito nulo no PVB: mudança em curso?; A obrigatoriedade do sujeito pleno em inglês: ou não...; Estudo comparativo entre o PVB e o inglês quanto ao parâmetro do sujeito; Conclusão.

## 1 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, serão abordados os fundamentos teóricos utilizados para proceder à análise comparativa do PVB e a língua inglesa. Ele está dividido em três subcapítulos: o primeiro trata do Princípio da Projeção Estendida do Sujeito, o segundo menciona a distinção das línguas de acordo com o estatuto do sujeito e o terceiro versa sobre a relação entre a característica variável intrínseca a todas as línguas e o estudo das mudanças sob a perspectiva da teoria de princípios e parâmetros.

### 1.1 O PRINCÍPIO DA PROJEÇÃO ESTENDIDA DO SUJEITO

Como mencionado acima, dentre os princípios linguísticos da GU, há o Princípio da Projeção do Sujeito, que determina que, dentro na estrutura argumental, só aqueles argumentos selecionados por um núcleo lexical podem ser projetados na sintaxe. Posteriormente, para abranger a hipótese da existência de

<sup>3</sup> Os textos originalmente escritos em Inglês foram por nós traduzidos. Assim, a tradução em português está presente no corpo do artigo, enquanto o original em inglês está em nota de rodapé.

línguas que apresentam pronomes expletivos (não selecionados por um núcleo lexical), este princípio foi complementado pelo Princípio da Projeção Estendida. Este último consiste na presença obrigatória da posição de sujeito nas estruturas argumentativas das sentenças. Segundo Negrão (2001, p. 142-3), Chomsky justifica a aposição dessa segunda cláusula devido à “exigência sintática de que um predicado precisa de um sujeito do qual ele predica”.

Essa posição de sujeito pode ser preenchida por um elemento lexical, um pronome ou mesmo o chamado pronome nulo (*null subject*). Essas distintas ocorrências acabam por constituir um critério de diferenciação entre as línguas, que podem ser classificadas em línguas de sujeito nulo (LSNs), dividindo-se estas em LSNs pleno e parcial, e línguas de sujeito pleno. Essa classificação e o detalhamento acerca de cada uma delas serão apresentados na próxima seção.

## 1.2 PARÂMETRO DO SUJEITO: LÍNGUAS DE SUJEITO NULO (PLENO E PARCIAL), LÍNGUAS DE SUJEITO PLENO

A obediência ao Princípio de Projeção Estendida exige a presença de um sujeito na estrutura argumental das sentenças. A ocorrência desse sujeito obrigatoriamente na forma de um elemento lexical ou um pronome, ou a sua efetivação devido à presença do chamado pronome nulo gera uma diferenciação entre as línguas.

### 1.2.1 Línguas de sujeito nulo (pleno e parcial)

As línguas que admitem a ocorrência de sujeito nulo também são denominadas de línguas [+*pro-drop*]<sup>4</sup>. Como exemplos dessa categoria, pode-se citar o espanhol (padrão) e o italiano (padrão). Kaiser (2006) apresenta a discussão a respeito das propriedades intrínsecas a uma língua que poderiam fazer com que ela se incluísse nesta categoria e menciona a riqueza flexional verbal como a principal para as línguas citadas (outros estudos visariam explicar o parâmetro em línguas que não apresentam traços morfológicos verbais de concordância, como o chinês e o japonês). Como exemplo, o autor apresenta a frase espanhola “*hablo español*”, em que não há a necessidade de elemento lexical ou pronominal na posição de sujeito para a compreensão plena do enunciado, inclusive de quem seria o sujeito da frase (em italiano, o mesmo se daria com a frase “*parlo italiano*”).

Gravina (2014b, p. 33) explica que o conceito desse parâmetro de *pro-drop* tem se modificado com os crescentes estudos e a evolução da teoria: “existem também as línguas denominadas de ocorrência de Sujeito nulo parcial (RODRIGUES, 2002; HOLMBERG, 2005; 2010; ROBERTS, 2010)”, línguas que licenciam sujeito nulo, porém com restrições de conceitos. D’Alessandro (2014) explica que a ocorrência de sujeito nulo é restrita a algumas estruturas específicas ou determinadas composições de pronomes

<sup>4</sup> *pro-drop*: *pro*, de pronome; *drop*, que quer dizer ‘queda’. Queda do [nome] pronome que ocupa a posição de sujeito (N.A.).

subjativos. A hipótese de o PVB estar se configurando uma língua de sujeito nulo parcial é discutida por muitos autores e tem por base muitas pesquisas (DUARTE, 1993; 2015; TARALLO, 1993; dentre outros).

### 1.2.2 Línguas de sujeito pleno

As línguas de sujeito pleno [*pro-drop* ou não *pro-drop*] são as que demandam a ocorrência de um elemento lexical ou pronominal obrigatoriamente na posição de sujeito no argumento verbal (D'ALESSANDRO, 2014). Como exemplos, podem ser mencionados o francês e o inglês (este último objeto da presente análise) (RUSTEN, 2010), que exigem a presença de um elemento pronominal, mesmo que seja semanticamente esvaziado. Por exemplo, no inglês a enunciação da frase “*speak English*” não se afigura plena de conteúdo, pois a vagueza em relação ao realizador da ação prejudicaria a sua compreensão (seria obrigatório o recurso ao contexto para se inferir a informação plena do que se quis dizer). Exemplos de expletivos são mais categóricos para demonstrar essa exigência na sintaxe da língua, como em “*il pleut*”, em francês, e “*it rains*”, em inglês).

## 1.3 A MUDANÇA LINGUÍSTICA COM BASE NA TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS

Duarte (2015) faz um histórico sobre o desenvolvimento de pesquisas que, a despeito das críticas iniciais, visaram estudar o fenômeno da variação linguística sob um olhar teórico gerativista. Essas críticas davam conta de um possível paradoxo em se vislumbrar um componente variacionista inerente às línguas ao mesmo tempo que se admite a busca de princípios e regras que seriam invariáveis nos sistemas dessas mesmas línguas.

A autora expõe que evidências diacrônicas, como, por exemplo, a recategorização dos auxiliares modais (antes verbos plenos) no inglês, atraíram a atenção dos estudiosos gerativistas, que passaram a se debruçar sobre uma interpretação da mudança linguística em uma nova perspectiva:

A mudança se daria durante a aquisição e a nova forma, fruto de uma remarcação no valor de determinado parâmetros, conviveria coma forma antiga até sua completa obsolescência. Tem-se, assim, um modelo que contempla a variação, indispensável para que a mudança se instale num sistema linguístico, mas que não compromete o pressuposto gerativista básico de invariância dentro de uma mesma gramática. (DUARTE, 2015, p. 91)

Assim, as mudanças observadas nas línguas seriam fruto de uma concorrência entre gramáticas: a gramática nuclear do indivíduo se oporia a outra(s) gramática(s) (de forma consistente), o que resultaria em uma gradual superposição de uma pela outra no desempenho do falante e de sua comunidade de fala.

Uma aplicação desta concorrência entre gramáticas distintas pode ser verificada no paradigma flexional dos verbos no PB (abordado de forma mais detalhada nas próximas seções deste artigo), que tem

influência direta na hipótese de variação do parâmetro do sujeito nulo, levantada na presente comparação com o inglês. Segundo Duarte (2015), a opção pelo tratamento com “você” e a pronominalização do DP coletivo “a gente”, ambos com uma forma verbal não marcada por flexão distintiva, em oposição aos pronomes “tu” e “nós”, respectivamente (estes com conjugação marcada morfofonologicamente), primeiro teria passado por períodos de transição, em que vigeram concorrentemente, para posteriormente haver a sobreposição de uma pela outra. A forma verbal não marcada dessas duas pessoas (2ª p.s. e 1ª p.p.) se iguala à da 3ª p.s., tendo influência grande na possibilidade de licenciamento do sujeito nulo no PB.

## 2 METODOLOGIA

O estudo aqui descrito é o resultado de pesquisa bibliográfica da literatura especializada no escopo da Teoria Gerativa e, mais especificamente, no que tange aos princípios e parâmetros da Gramática Universal (GU).

Dentre esses princípios, buscamos, neste artigo, discutir sobre o Princípio da Projeção Estendida do Sujeito presente em todas as línguas, e, para tanto, investigamos o que a literatura apresenta sobre o parâmetro de sujeito nulo e sua realização no PVB e no inglês moderno, apontando o que vem acontecendo sob uma perspectiva diacrônica em ambas as línguas, a fim de atestarmos o seu atual estado da arte e procedermos a uma comparação. Trata-se, portanto, de uma pesquisa bibliográfica e descritiva.

Apresentamos também alguns dados coletados de uma variedade do PB, falada no município de São Miguel do Guamá (SMG), nordeste do Pará. Esses dados dizem respeito às escolhas que os falantes têm feito quanto à realização do parâmetro do sujeito nulo. Tais dados não constituem *corpus* de nenhum trabalho de pesquisa institucionalizado, mas foram recolhidos a partir de contato com falantes nativos do PVB de São Miguel por ocasião de aulas ministradas pelos autores nesse município.

Dessa feita, o presente artigo é o resultado das nossas reflexões com base nos achados da literatura especializada. Não se trata de um trabalho eminentemente gerativista, tão-somente fazemos uso das contribuições dessa teoria para o estudo da categoria de sujeito.

## 3 SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS VERNACULAR BRASILEIRO: MUDANÇA EM CURSO?

Conforme delineado na seção acima, segundo o Princípio da Projeção do Sujeito, no que tange ao parâmetro do sujeito nulo, as línguas podem ser classificadas como LSNs ou [+ *pro-drop*], sendo esse o caso de grande parte das neolatinas, ou como línguas de sujeito pleno ou [-*pro-drop*], como o inglês e o francês, em que o lugar sintático de sujeito está sempre preenchido, ainda que não apresentem valor semântico. Cumpre observar que, mesmo nas línguas [-*pro-drop*], pesquisadores já têm atestado a ocorrência de frases:



[...] com sujeito apagado nessas línguas, embora marginais, já que, mesmo sendo expresso obrigatoriamente, o contexto pragmático pode eventualmente permitir a interpretação de um sujeito nulo. Em inglês, por exemplo, um garçom pode dizer para outro, apontando ou olhando para um cliente: *pro wants more coffee* (SOARES DA SILVA, 2006, p. 4).

O português está entre as línguas neolatinas classificadas como LSNs pleno ou LSN canônica (D’ALESSANDRO, 2014). Como já explicado, isso implica dizer que o lugar sintático de sujeito em uma sentença pode ficar vazio, i.e., o sujeito pode ser apagado. Soares da Silva (2006, p. 6) afirma que, “de acordo com a citada teoria do Subconjunto, o português é considerado uma língua de sujeito nulo [+ *pro-drop*], por admitir o apagamento, o que é compatível com o que as gramáticas tradicionais pregam”.

Segundo Kayne (1980 apud D’ALESSANDRO 2014), uma característica das LSNs pleno é a ocorrência da inversão na posição de sujeito, o qual passa a ser posposto ao verbo. Outra característica dessas línguas é a sua rica morfologia flexional verbal (KAISER, 2016). Uma e outra estão presentes no português, tanto na variedade europeia quanto na brasileira.

Aqui nos interessa a relação entre a omissão do sujeito e a rica morfologia verbal do português, a que a teoria gerativa refere como sendo a:

[...] hipótese de identificação. Um argumento comum é que uma língua com um sistema pleno de flexão verbal pode permitir a omissão de sujeitos pronominais e ainda assim ter sentenças que permanecem não ambíguas. A razão por trás disso é que as desinências verbais podem identificar corretamente o antecedente do sujeito vazio – e, portanto, também, a identidade do referente e, finalmente, o significado da oração. Além disso, quando uma língua tem flexão detalhada e distinta para pessoa, número e, em algumas línguas, até para gênero, o pronome sujeito pode ser considerado não apenas como recuperável, o que é o ponto-chave para essa “teoria da concordância”, mas também redundante (Huang 2007: 54). Esforços substanciais têm sido feitos pelos gerativistas no sentido de correlacionar os paradigmas de flexão rica ao parâmetro *pro-drop*, e se tem afirmado que línguas com rico sistema de concordância verbal de fato “são frequentemente línguas *pro-drop*” (Haegeman 1996: 24). (RUSTEN, 2010, p. 14)<sup>5</sup>

De acordo com Gravina (2014a), diversos autores (RODRIGUES, 2004; HOLMBERG, 2005; 2010; MODESTO, 2008; BARBOSA, 2009; ROBERTS, 2010; dentre outros) têm apontado para uma mudança em curso no português brasileiro (PB), que estaria passando de uma LSN pleno para o estatuto de uma LSN parcial.

<sup>5</sup> [...] *identification hypothesis*. A common argument is that a language with a full system of verbal inflections can allow subject pronouns to be omitted and still have sentences remain unambiguous. The reasoning behind this is that the unique inflectional endings of the verb will correctly identify the antecedent of the empty subject – and therefore also the identity of the referent, and ultimately the meaning of the clause. Additionally, when a language contains detailed and distinct inflections for person, number, and in some languages even gender, the subject pronoun may be perceived not only as recoverable, which is the key point to this “agreement-theory”, but also redundant (Huang 2007: 54). Substantial efforts have thus been made by generativists to correlate rich inflectional paradigms with the *pro-drop* parameter, and claims have been made that languages with rich systems of verbal agreement indeed “are often *pro-drop* languages” (HAEGEMAN, 1996, p. 24).

É o que atesta Soares da Silva (2006, p. 21), ao reportar que as investigações de Duarte (1993) têm apontado para a hipótese de o PVB estar num processo de uma mudança paramétrica, a saber, de “uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito pleno”, sendo que não se verifica tal mudança no português europeu (PE), considerado mais conservador.

Essa mudança do estatuto do sujeito no PB tem sido relacionada por muitos autores à “redução de seu paradigma flexional verbal (DUARTE, 1993; TARALLO, 1993, dentre outros)” (ALMEIDA; CARNEIRO, 2009, p. 72). Dito de outro modo, a realização do sujeito pleno em algumas variedades do PVB ocorreria em função da redução das desinências número-pessoais dos verbos, de seis para duas, como podemos observar no Quadro 1, a seguir.

**Quadro 1: Paradigmas de conjugação verbal do PB**

1 - Seis morfemas número-pessoais		2 - Cinco morfemas número-pessoais		3 - Quatro morfemas número-pessoais		4 - Três morfemas número-pessoais		5 - Dois morfemas número-pessoais	
Eu	penso	Eu	penso	Eu	penso	Eu	penso	Eu	penso
		Tu	pensas			Tu/você		Tu/você	
Tu	pensas	Você	pensa(O)	Tu/você	pensa(O)	Ele/ela	pensa(O)	Ele/ela	pensa(O)
Ele	Pensa (O)	Ele/ela		Ele/ela		A gente		A gente	
		A gente		A gente		Nós		Nós	
Nós	pensamos	Nós	pensamos	Nós	pensamos	Vocês	pensam	Vocês	
Vós	pensais					Eles/elas		Eles/elas	
Eles	pensam	Vocês	pensam	Vocês	pensam				
		Eles/elas		Eles/elas					

Fonte: Adaptado de Bagno (2011, p. 539).

Vale ressaltar que o quadro acima não esgota as possibilidades de paradigmas verbais do PVB, mas baseia-se no resultado de pesquisas que têm sido levadas a cabo e publicadas ao longo dessas últimas décadas, em especial por aqueles que buscam descrever o uso que os falantes do PVB têm feito em suas interações cotidianas (BAGNO, 2011, p. 539).

Em vista do que discurremos até então, observamos, e assim têm atestado diversos autores (DUARTE, 1995; GRAVINA, 2014a; SOARES DA SILVA, 2006; BAGNO, 2011; dentre outros), que há uma mudança em curso. Segundo Soares da Silva (2006, p. 24),

[...] o PB está, de fato, se afastando das propriedades das línguas românicas de sujeito nulo (espanhol, italiano, português europeu) e se aproximando do francês, que admitia o sujeito nulo e passou por uma mudança motivada, entre outros fatores, por neutralizações no paradigma flexional, sendo hoje uma língua negativamente marcada em relação ao parâmetro do sujeito nulo.

Há, no entanto, opiniões contrárias à hipótese de que a ocorrência do sujeito pleno no PB se deva à diminuição da morfologia verbal, como vemos na referência de Almeida e Carneiro (2009, p. 72) à opinião de Oliveira (2001),

Oliveira (2001) não vê essa relação e afirma que, se a redução do sujeito nulo estivesse relacionada ao processo de redução morfológica, era de se esperar um grande número de sujeitos expressos na 2ª e na 3ª pessoas, e não na 1ª, que ainda apresenta morfologia específica. No entanto, o que ocorre é um número ainda razoável de categorias vazias na 3ª pessoa e muitos pronomes plenos na 1ª e na 2ª.

Ainda segundo Almeida e Carneiro (2009), diversos trabalhos relacionam a redução morfológica dos verbos do PB “ao fato de, no Brasil, o português ter sido adquirido como L2 por diversos grupos linguísticos, destacando-se, principalmente, os africanos”. Ainda precisamos acrescentar o caso das diversas etnias que têm o português como sua L2 e, no escopo das populações de origem africana e indígena, temos, e de forma muito especial, aquelas em que se imbricam as duas origens, o caso das populações afro-indígenas, tão comuns no Norte do Brasil.

Qualquer que seja o gatilho que tem provocado novas, ou outras, realizações do sujeito no PVB, não podemos negar que há uma mudança em curso, cuja extensão ainda está por ser descrita. Segundo Soares da Silva (2006, p. 18), “Estamos, então, diante de uma provável mudança na marcação do parâmetro: quando (e se) todos os sujeitos forem preenchidos no PB (respeitadas as condições pragmaticamente marcadas), teremos uma língua [- *pro-drop*], como o francês e o inglês”, o que nos encaminha para um caso especial que ocorre no PB, especificamente no PVB de SMG, objeto de discussão da subseção a seguir.

### 3.1 O CASO DO PVB DE SÃO MIGUEL DO GUAMÁ

Apresentamos uma outra redução, que tem sido observada no PVB de SMG<sup>6</sup> e que se aplica a alguns verbos quando conjugados no pretérito perfeito do indicativo: um único morfema número-pessoal, conforme se pode ver no Quadro 2. Essa realização se assemelha muito ao que acontece com o paradigma verbal do inglês no mesmo tempo, a saber, no pretérito perfeito. Reiteramos que essa realização ainda não se encontra descrita formalmente, em nossas buscas, não encontramos trabalhos específicos de descrição desse paradigma verbal do PVB de São Miguel. Ao colocarmos no *site* de busca “paradigma verbal do PB de São Miguel do Guamá, Pará”, encontramos a referência de dois trabalhos de pesquisa que dizem respeito às dissertações de mestrado de Silva (2001) e Campos (2010). No entanto, não nos foi possível confirmar se esses pesquisadores fizeram referência a esse tema em suas dissertações ou em outro trabalho de pesquisa.

<sup>6</sup> Tal realização não é exclusiva de São Miguel do Guamá, tem sido atestada também em outros municípios do nordeste do Pará, mas não temos dados nem experiência de pesquisa nesses outros lugares.



**Quadro 2:** Paradigma de conjugação dos verbos ser, estar, ir, ter e fazer no pretérito perfeito no PVB de SMG.

Pronomes pessoais		Verbos no pretérito perfeito				
		Ser	Estar	Ir	Ter	Fazer
Sing.	Eu Tu/você Ele	foi	(es)teve	foi	teve	fez
Pl.	Nós/a gente Vocês Eles					

Fonte: Os autores.

O Quadro 2 retrata, de um modo geral, o modo como os falantes residentes em SMG realizam o paradigma verbal quando se trata dos verbos listados no quadro. Tal realização se dá, como já dissemos, apenas no pretérito perfeito. Não temos registro de redução do paradigma verbal, para uma única desinência número-pessoal, com outros verbos nem em outros tempos verbais.

O que nos chama a atenção, no caso do PVB de SMG, é o fato de a 1 p.s. (1ª pessoa do singular), *eu*, não ter marca distintiva em relação às outras formas do paradigma de pronomes pessoais do caso reto, visto formar, junto com a 2p.s, *tu*, as pessoas do discurso. Se voltarmos ao Quadro 1, observamos que, em todos os casos, a forma verbal para a 1p.s se mantém distinta das demais.

Em função dessa realização e nesse caso específico (dos verbos supracitados e no pretérito perfeito), o PVB de SMG se apresenta como uma língua de sujeito pleno, uma vez que a informação de número e pessoa foi apagada da forma verbal, o que aponta para a necessidade de pesquisas que investiguem e esclareçam esse fenômeno.

#### 4 A OBRIGATORIEDADE DO SUJEITO PLENO EM INGLÊS: OU NÃO...

O inglês moderno, via de regra, não permite o esvaziamento do lugar sintático de sujeito. O mais comum nessa língua é a presença do sujeito sintático, ainda que semanticamente esvaziado, como no exemplo a seguir: *It is raining*, cuja tradução é ‘está chovendo’. O inglês é classificado, portanto, como uma língua que só aceita o sujeito pleno (SOARES DA SILVA, 2006).

De acordo com Rusten (2010, p. 2), não obstante, o estado atual da projeção do sujeito no inglês e em línguas como o alemão moderno e o francês, quando recuamos na linha do tempo e verificamos o estatuto dessa categoria nas línguas germânicas, observamos que “se desenvolveram a partir de um estágio em que sujeitos plenos, de fato, não eram obrigatórios na estrutura da oração”. Postula-se que o proto-indo-europeu tenha sido uma língua *pro-drop*, assim como o proto-germânico (FERTIG, 2000, p. 8 apud RUSTEN, 2010, p. 2). No entanto, ao longo do tempo, deu-se o processo de mudança paramétrica

do sujeito e nas línguas germânicas o sujeito nulo passou a co-ocorrer com o sujeito pleno. Nas palavras de Rusten (2010, p. 2)<sup>7</sup>,

Embora possa ser verdade que os sujeitos vazios tenham se tornado crescentemente uma exceção, as línguas comprovadas como germânicas antigas demonstram uma situação em que o sujeito referencial pronominal vazio, pelo menos em certa medida, co-ocorre com as variantes plenas inovadoras.

No que diz respeito ao inglês antigo, enquanto uma língua da família germânica, postula-se que o sujeito referencial pronominal vazio teria sido um traço relativamente regular na sua sintaxe, apesar de “[...] a maioria das estruturas de oração do inglês antigo apresentarem um sujeito pronominal pleno” (RUSTEN, 2010, p. 2)<sup>8</sup>.

Segundo Traugott (1992 apud RUSTEN, 2010, p. 2), “[um] sujeito gramatical não é obrigatório no inglês antigo”<sup>9</sup>; essa afirmação se justifica em função das ocorrências de orações sem sujeito encontradas por esse autor. Bakers (2007, p. 105 apud RUSTEN, 2010, p. 2) compara o inglês moderno com o inglês antigo, “nas situações em que o inglês moderno usa um sujeito pronominal, no inglês antigo, um verbo finito pode, algumas vezes, expressar, por si só, o sujeito.”<sup>10</sup> Isso corrobora o que postulam alguns autores, como Ohlander (Cf. RUSTER, 2010), para quem o sujeito pronominal pleno se tornava redundante em orações com verbos finitos, cuja flexão de pessoa, número e gênero era suficiente para identificar o sujeito; e Van Gelderen (Cf. RUSTEN, 2010)<sup>11</sup>, para quem o parâmetro *pro-drop* era muito comum no inglês antigo como consequência da “força dos traços da pessoa expressos no verbo”<sup>12</sup>. Outros autores (MITCHELL, 1985; VISSER, 1963; entre outros), porém, embora atestem que havia a ocorrência de sujeito nulo no inglês antigo, não concordavam com essa relação, afirmando que as flexões verbais no inglês antigo eram bem ambíguas e, portanto, não supriam por si só as informações acerca do sujeito.

Walkden (2013, p. 174), por seu turno, conclui que as ocorrências do sujeito nulo no inglês antigo não estão necessariamente ligadas à rica concordância verbal. Ele propõe o estatuto de língua de sujeito nulo parcial e se respalda na pesquisa de Holmberg (2010) e sustenta sua conclusão com a análise apresentada no seu texto.

Harvie (1986, p. 15), também, atesta a ocorrência do sujeito nulo no inglês antigo e discorre acerca do fato de o inglês moderno ser, como definem a gramática prescritiva e as teorias linguísticas,

<sup>7</sup> While it may be true that empty subjects had become increasingly exceptional by this time, the attested Old Germanic languages demonstrate a situation where empty referential subject pronouns at least to some extent co-occur with the innovative overt variants (RUSTEN, 2010, p. 2).

<sup>8</sup> [...] despite the fact that most OE clause structures feature an overt subject pronoun.

<sup>9</sup> [a] grammatical subject is not obligatory in OE.

<sup>10</sup> [...] in situations where Modern English uses a pronoun subject, the Old English finite verb can sometimes express the subject all by itself.

<sup>11</sup> the strength of the verbal person features

<sup>12</sup> Rusten (2010) apresenta, em sua tese, vários exemplos de sujeito nulo no inglês antigo.

uma língua de sujeito pleno. Ele apresenta o seguinte exemplo do inglês antigo (VISSER, 1970 apud HARVIE, 1986, p. 15):

*Yung of geres ase he was, Ofleih awei into per wilderness.  
“Young of years as he was, Ofled away into wilderness.”*

(Jovem de anos como ele era, fugiu para o deserto.)

Esse autor aponta a ocorrência de sujeito nulo no inglês moderno sob algumas circunstâncias, “De acordo com a gramática prescritiva, os sujeitos nulos no inglês moderno são possíveis, mas estão restritos ao apagamento de sujeitos idênticos em sentenças conjuntas ou orações encadeadas [...]” (HARVIE, 1986, p. 15)<sup>13</sup>. Tal condição se aplica tanto ao exemplo acima quanto ao seguinte.

*I moved into this town ‘n got introduced to all these people*

(Eu (me) mudei para esta cidade e *O* fui apresentado a todas estas pessoas).

Segundo a autora, tal restrição poderia apontar para uma baixa ocorrência de sujeito nulo em inglês; no entanto, ela, a partir dos dados de conversas espontâneas<sup>14</sup>, atesta vários exemplos de sujeito nulo no inglês moderno (Cf. HARVIE, 1986).

Na conclusão de seu trabalho, Harvie (1986) atesta a ocorrência do sujeito nulo no inglês moderno e aponta para a necessidade de mais pesquisas. Ela afirma que:

O sujeito nulo de fato existe em inglês, e assim tem sido por séculos. Visser (1970) deixa claro que, no inglês antigo e no inglês médio, o uso do sujeito pronominal era regra em vez de exceção. Mitchell e Robinson (1986) afirmam que os sujeitos no inglês antigo, algumas vezes, eram apagados se o referente fosse o mesmo que o da oração anterior. Portanto, as restrições relacionadas ao sujeito nulo no inglês antigo e médio parecem ser as mesmas relacionadas ao sujeito nulo no inglês moderno (HARVIE, 1986, p. 17).<sup>15</sup>

Essa autora conclui apontando que não acredita que o inglês seja uma língua *pro-drop* ou semi *pro-drop*, no entanto, chama atenção para o fato de que essas restrições presentes no inglês são também muito importantes para as línguas *pro-drop*, e que isso constitui “uma pista da natureza universal desse fenômeno. A importância não é a diferença entre as línguas *pro-drop* e não *pro-drop*, mas a semelhança

<sup>13</sup> According to prescriptive grammar, null subjects in modern English are possible, but are restricted to the deletion of identical subjects in conjoined sentences or chained clauses [...]

<sup>14</sup> Dados esses que constituem o corpus de sua pesquisa, feita em Ottawa, Canadá. Para maiores detalhes, cf. Harvie: 1986.

<sup>15</sup> Null subject does indeed exist in English, and it has for centuries. Visser (1970) makes it clear that, in Old English and Middle English, the use of the subject pronoun was the rule rather than the exception. Mitchell and Robinson (1986) state that subjects in Old English were sometimes dropped if the referent was the same as that of the previous clause. Therefore, the constraints that held for null subject in Old and Middle English appear to be the same constraints which held for null subject in present-day English.

entre os fatores que condicionam o sujeito nulo em todas as línguas em que ocorre” (HARVIE, 1986, p. 24).<sup>16</sup>

## 5 O PRINCÍPIO DE PROJEÇÃO DO SUJEITO NO PVB E NO INGLÊS: ESTADO DA ARTE

É fato que o PB está passando por uma mudança paramétrica relativa ao estatuto do sujeito nulo, deixando de ser classificado como uma língua de sujeito nulo pleno, ou língua *pro-drop*, para o de uma língua de sujeito nulo parcial, ou semi *pro-drop*. Alguns autores postulam que a razão da mudança seria a redução da flexão verbal no tocante às desinências número-pessoais do PB, o que levaria à necessidade de explicitar o sujeito pronominal e de referência.

Em algumas realizações do PB, a que nos temos referido como PVB, já percebemos um paradigma flexional do verbo bem reduzido, o que implica maior ocorrência do sujeito pleno nessas variedades. Quanto mais reduzido for o paradigma de flexão verbal, maior é o número de ocorrência do sujeito na sentença. Apresentamos como exemplo o que ocorre no PVB de SMG. Nessa variedade do PB, um conjunto de verbos, quando usados no pretérito perfeito, têm todas as marcas número-pessoais neutralizadas em uma só, a de 3p.s., exatamente a forma verbal não marcada. O que chama atenção é o fato de que mesmo a 1p.s sofre essa neutralização. Logo, no PVB de São Miguel, nos casos supracitados, a presença do sujeito é imprescindível para o entendimento da enunciação.

Em se tratando do princípio de projeção do sujeito no inglês, não obstante o fato de essa língua ser classificada como não *pro-drop*, ou língua de sujeito pleno, estudos têm apontado para o fato de que em estágios anteriores, exatamente o inglês antigo e médio, o sujeito nulo era uma realidade que ocorria sob determinadas condições (HARVIE, 1986; RUSTEN 2010; entre outros). E tal ocorrência não se restringe a esses estágios passados, Harvie (1986), em sua pesquisa sobre o inglês de Ottawa-Canadá, mostra ocorrências semelhantes no inglês atual. Outros autores têm apontado para uma mesma realidade. Isso não quer dizer que o inglês deva ser classificado como uma LSN pleno ou mesmo parcial. A regra, nos estágios mais remotos da língua, era o sujeito pleno e ainda o é, mas é interessante observarmos que as línguas naturais, por conta de sua natureza social, não são estáticas, homogêneas nem podem ser engessadas.

Com base nos achados de pesquisa, observamos que as duas línguas aqui comparadas nos parecem fazer os seguintes percursos: PB, de LSN pleno a LSN parcial, e, em alguns PVBs, em algumas circunstâncias, seus falantes preferem o uso do sujeito pleno associado à perda da flexão verbal; no inglês, em estágios anteriores, são atestados os casos de sujeito nulo, sob certas circunstâncias, e hoje é classificado como uma língua de sujeito pleno, não obstante ainda sejam atestadas as mesmas ocorrências

<sup>16</sup> [...] a hint at the universal nature of this phenomenon. The importance is not the difference between *pro-drop* and *non-pro-drop* languages, but rather the similarity of the factors conditioning null subject in all languages in which it occurs.

de sujeito nulo sob as mesmas circunstâncias exigidas no passado (HARVIE, 1986; RUSTEN, 2010; WALKDEN, 2013).

Vale ressaltar outro cotejamento entre o estado da arte dessas línguas em questão: enquanto no PB, já há o reconhecimento dessa mudança em curso e sua descrição na literatura especializada, com relação ao inglês, parece haver uma escassez de pesquisas que atestem a ocorrência do sujeito nulo no inglês moderno (HARVIE, 1986, p. 25). No entanto, a realidade dos dois sistemas se iguala, pois ainda há o descompasso entre o que acontece de fato na experiência diária de falantes que usam a língua para interação e a descrição gramatical, em especial, os livros didáticos.

O que nos interessa aqui é apontar para o fato de que sistemas linguísticos de origem diferente, com funcionamentos diferentes, como inglês e PB, possam apresentar pontos de intersecção e em níveis nos quais se mostram tão distintos, neste caso, no que tange à morfologia flexional do verbo, em que o PB é classificado como uma língua de morfologia flexional rica e o inglês, de uma morfologia flexional pobre. No entanto, podemos encontrar realizações como as do Quadro 3, em que fazemos uma comparação entre o PVB de São Miguel e o inglês moderno.

**Quadro 3-** Realizações dos falantes do PVB de São Miguel e do inglês moderno.

PVB São Miguel			Inglês	
Verbos no pretérito perfeito (Ir, ter, fazer)				
Sing.	Eu Tu/você Ele	Foi (ir)/teve/fez	I You He/she/it	went/had/did
Pl.	Nós/a gente Vocês Eles	Foi (ir)/teve/fez	We You They	went/had/did

Fonte: Os autores.

É fato que os dados ainda são incipientes e apontam para a necessidade de maiores pesquisas, inclusive no sentido de esclarecer as motivações dos falantes para essa mudança.

Ter em mente esses fatos e buscar compreendê-los podem constituir ferramentas para encontrarmos estratégias que viabilizem o processo de aprendizagem do PB, seja como língua materna, seja como língua estrangeira; podem também viabilizar a descrição das variedades do PB e a compreensão dos fenômenos que caracterizam o seu estado atual e a projeção de mudanças em curso.

## CONCLUSÃO

A interpretação da variação linguística sob a ótica da Teoria Gerativa tem se mostrado bastante útil para um estudo acurado das mudanças em nível estrutural dos fenômenos linguísticos. No estudo



apresentado, essa perspectiva consegue fornecer uma descrição sintática mais aprofundada das estruturas envolvidas e das razões que podem levar à mudança sob análise.

O estudo apresentado revela semelhanças entre as mudanças ocorridas na transição entre o inglês antigo e o moderno no que diz respeito à consolidação deste último na categoria de língua de sujeito pleno e a hipótese de mudança corrente no PB, de língua *pro-drop* para LSN parcial (e, quem sabe, para língua de sujeito pleno no futuro). Essa comparação foi finalizada com a apresentação de variedade do PVB em que se observa um apagamento da flexão em alguns verbos no pretérito perfeito do indicativo (de modo semelhante como ocorre no inglês). Essa redução flexional é uma das características mais marcantes das línguas não *pro-drop*, o que pode ser interpretado como indício de como será o PB nos próximos anos, caso esta mudança se confirme.

A melhor descrição das características de línguas diferentes e a compreensão dos fenômenos que caracterizam seu estágio atual e as possibilidades de sua evolução, como foi visto nos casos abordados (mudança paramétrica de categoria para LSN parcial e redução flexional de verbos em circunstância determinada), certamente instrumentaliza os especialistas no estudo das línguas, bem como os profissionais que as ensinam e trabalham direta ou indiretamente com o seu ensino e aprendizagem.

Por fim, deve-se ressaltar a necessidade de outras pesquisas que atestem as ocorrências apontadas no PVB de SMG. Deste modo, poder-se-á levantar a hipótese de o evento ser verificado em outras localidades, caso se conclua que esta é uma possibilidade intrínseca do PVB em geral.

## Referências

- ALMEIDA, Norma; CARNEIRO, Zenaide. Sujeito. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Orgs.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 70-89. ISBN 978-85-2320-888-2. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/48>>. Acesso em: 25 out 2016.
- BAGNO, Marco. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- D’ALESSANDRO, Roberta. *The null subject parameter: where are we and where are we headed?* (1st draft) Leiden University Centre for Linguistics, 2014. Disponível em: [ling.auf.net/lingbuzz/002159/current.pdf](http://ling.auf.net/lingbuzz/002159/current.pdf). Acesso em: 25 out 2016.
- DUARTE, Maria Eugênia. Avanço no estudo da mudança sintática associando a teoria da variação e mudança e a teoria de princípios e parâmetros. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 57, n. 1, p. 85-111, 2015.
- GRAVINA, Aline. Diacronia e sujeito nulo no português brasileiro: um estudo comparativo. *Filol. Linguíst. Port.*, v. 16, n. special, p. 199-231, 2014a.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16ispep199-231>.

Disponível

em:

<<http://www.revistas.usp.br/flp/article/viewFile/88409/91300>>. Acesso em: 07 out 2016.

\_\_\_\_\_. *Sujeito nulo e ordem VS no português brasileiro*: um estudo diacrônico-comparativo baseado em corpus. 2014. 251 f. Tese de Doutorado em Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Disponível em:

<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000928758&fd=y>>. Acesso em: 12 dez 2016.

HARVIE, Dawn. Null subjects in English: wonder if it exists? *Cahiers Linguistique d'Ottawa*, v. 26, p. 15-25, 1998. Disponível em: <<http://artsites.uottawa.ca/clo-opl/doc/Null-Subject-in-English-Wonder-if-it-exists.pdf>>. Acesso em: 25 nov 2016.

KAISER, Georg. Sobre a (alegada) perda do sujeito nulo no português brasileiro. In LOBO, Tania et al. (Orgs.) *Para a história do português brasileiro*, v. 6. t. 1-2. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 11-42.

NEGRÃO, Esmeralda. O princípio de projeção estendida no português brasileiro. *Revista Letras*, v. 56, p. 141-155, jul/dez, 2001.

RUSTEN, Kristian Andersen. *A study of empty referential pronominal subjects in Old English*. 2010. 119 f. Thesis submitted for the degree of Master of Philosophy in English - Department of foreign languages. University of Bergen. Disponível em:

<<http://bora.uib.no/bitstream/handle/1956/5006/74549313.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 nov 2016.

SOARES DA SILVA, Humberto. *O parâmetro do sujeito nulo*: confronto entre o português e o espanhol. 2006. 117 f. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa – curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ. Disponível em:

<<http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/SilvaHS.pdf>>. Acesso em: 16 nov 2016.

WALKDEN, George. 2013. Null subjects in Old English. *Language Variation and Change*, v. 25, p. 155–178, 2013. Disponível em:

<[http://personalpages.manchester.ac.uk/staff/george.walkden/Walkden\\_2013\\_NSOE.pdf](http://personalpages.manchester.ac.uk/staff/george.walkden/Walkden_2013_NSOE.pdf)>. Acesso em: 21 nov 16.

Artigo recebido em: 22/06/19

Artigo aceito em: 20/07/19